

PIERRE DRIEU  
LA ROCHELLE  
**ESTADO  
CIVIL**

Traduzido do original francês por  
Margarida Madeira

# Índice

## I

CAPÍTULO I — Estado Civil . . . . .	9
CAPÍTULO II — O medo . . . . .	23
CAPÍTULO III — Deus . . . . .	29
CAPÍTULO IV — O amor . . . . .	31
CAPÍTULO V — Tradição . . . . .	37
CAPÍTULO VI — Leituras e combates . . . . .	53
CAPÍTULO VII — Lugares. . . . .	67

## II

CAPÍTULO I — Atrás da porta. . . . .	79
CAPÍTULO II — Pô-los a jogar . . . . .	87
CAPÍTULO III — Deus . . . . .	101
CAPÍTULO IV — Aqui começa outra história. . . . .	105

III

CAPÍTULO I — Encontro da época . . . . .	115
CAPÍTULO II — Neto de uma derrota . . . . .	135
CAPÍTULO III — Peregrinação de Inglaterra . . . . .	141
CAPÍTULO IV — Cogle pára por aqui . . . . .	149

## CAPÍTULO I

# Estado Civil

Tenho vontade de contar uma história. Saberei algum dia contar outra coisa que não a minha história? Era uma vez um menino de três anos. Escrevo o que me vem à cabeça. Mas há uma ordem que se impõe. É tudo o que me resta de divino, esta ordem.

Onde estou? No campo. Porque não na cidade? Não, no campo.

O jardim é a pique. Uma alameda que desce em escada sob as árvores. Este lugar obscuro está repleto de perigos. Mas eis a sombra oportuna do velho jardineiro apoiada num ancinho.

Estou lá, mas não me vejo. A minha sombra fala com a sua sombra.

Cada degrau da escada entalhada na terra requer uma passada longa e forma um pequeno socalco ladeado por um toro de madeira. Ou o toro é antes esculpido em cimento a imitar casca de árvore. Sem dúvida: o contacto tão duro e tão frio que sinto ainda.

Mais uma impressão de frescura viva, já não na minha mão, mas na minha face. Entro em casa, que aos meus olhos parece tão rudimentar quanto o desenho

de uma criança. Entre duas divisões luminosas há uma separação estranha. De cada lado da soleira sem porta, formada por duas colunas, derrubou-se a parede até à altura do joelho. O que resta forma uma banquetta onde cavalgo o dia todo. A banquetta está pintada de amarelo. Encosto demoradamente o rosto no seu revestimento de madeira. É fresquinho.

Na sala, os móveis são enormes. Há azul e há cor-de-rosa. Escondo-me atrás de um sofá para comer açúcar roubado da mesa de chá sem ninguém ver. Saboreia-se uma liberdade animal nesta casa. Deleito-me a comer sem maneiras para desanuviar dos constrangimentos que me são impostos no mundo dos adultos. Faço-me ainda mais pequeno para confraternizar com o cão. Mas lá em cima: «Ele não percebe, podemos falar.» Espio-os.

Nas traseiras da casa há, num patamar mais alto da colina, um terraço. Ouço:

*Uma vez uma pastora  
Larau, larau, larito*

Um pequeno bosque onde tenho uma cabra. Ela come os meus morangos. Faço por impedi-la. Levo uma marrada.

Entre o jardim e a ribeira, atravesso primeiro a rua, onde passa um eléctrico. Mete-me medo porque fui ensinado: a locomotiva é um ogre. Mais longe dos

campos. Num domingo de manhã, o meu pai leva-me a passear por aí. Raramente o vejo. Estou orgulhoso e feliz.

Mais um jardim. Crianças mais velhas do que eu, raparigas. Depois da minha primeira aula de redacção, limpam-me os dedos manchados de tinta com sal-de-azedas.

Uma casa no meio de um campo. É lá que vive o velho jardineiro. A sua mãe é velha, velha.

Vamos buscar o avô à estação.

Em Paris. Na sala de jantar, dispostas contra a parede estão três cadeiras de couro sobre as quais me estendo: «Vais cair.» O couro cheira bem. Esmago o nariz contra ele. Outra vez aquela frescura.

Um dia, um amigo vem jantar. Chama-se Sr. Bara. Estou satisfeito, porquê? É um homem extraordinário. Rio-me para fazer como os outros. Divirto-me muito a rir.

A casa dos meus pais era perto da dos meus avós. No caminho havia uma minúscula lojinha sombria onde comprávamos imagens a uma senhora velhinha. Tem por mim um respeito enternecido.

É tudo.

Alto! Recordo-me de uma hora passada com a minha cabra. É com certeza de manhã. A luz, a mesma que algures bate com força, passa delicadamente os dedos pela folhagem e acaricia-me. Aliás, não, a vegetação rasteira é um quadro no escritório do meu avô.

E, em primeiro plano, está uma ovelha, não de todo uma cabra. É tudo.

Hoje, o céu cinzento é uma pálpebra cerrada. No entanto há um sol que se ergue – é a minha consciência. Nasci hoje e escrevo. Há apenas esse sol que se aquece em mim, neste momento. Sou o astro solitário que ilumina o mundo.

Para mim, o tempo não existe em sucessão. Não há senão um só momento eterno, o momento em que penso.

Sol meu, só te conheço a ti. O que são os sóis proscritos? Existiram? Renuncio à fé dos homens que se asseguram de que um sol se ergueu há uns anos e que foi esse o dia em que nasceram, tão evidente quanto o dia em que estão a viver.

Mas o meu sol incendeia-se por todos os lados. Eis que se ilumina uma zona, um hemisfério, a que chamo passado, que é uma parte do meu ser, misterioso como uma esfera.

Voltemos à língua dos homens. Quando e onde nasci? Neste jardim, sob os olhos deste homem, era de manhã... Refiro-me ao meu nascimento como o momento em que me tornei consciente de ser a personagem que ainda sou, a única que encontrei no mundo. Nada me garante que foi neste jardim que comecei a ser aquele que hoje sou. Terei visto este jardim com

os mesmos olhos que vêem agora esta mesa? Não terei eu sido outro cuja estranheza se parece com os efeitos do sono? A vista deste jardim ter-se-á quiçá gravado no meu espírito como numa chapa fotográfica e só há algum tempo se revelou. Ter-se-ão estes dois actos consumado durante o mesmo movimento de flexão da mola? Ou terá o relógio andado para trás? Parece-me que sempre vi este jardim. Li livros de psicologia, mas esqueci-os. Vivo, tenho um certo modo de vida, e levei a caneta ao papel para aqui traçar a minha parca verdade. Sonho que sou uma criança de três anos. Terei realmente estes cabelos loiros, ou serei calvo?

— Bom dia, minha mãe. Recordas-te de um menino de três anos?

— Sim, e recordo-me ainda, antes disso, de ter uma coisa no meu ventre que podia tornar-se em alguém e eu esperava que se tornasse num menino e num senhor como tu agora.

— Foste tu que viveste vários anos da minha vida!

Emerge uma sombra da minha pré-história. Sabia pouco sobre mim próprio, menos que sobre as coisas ao meu redor. Não me reconhecia. Sabia eu olhar-me ao espelho? Um dia, no entanto, encontrei-me. Tornei-me dois. Não me lembro disso.

Com que então vivi sem perigos, sem ser posto à prova, durante anos? Todavia, chorei. O frio que me aferrou logo de manhã, a crueza do dia que me dilacerava as pálpebras. Não me recordo de nada. Quando

foi então a minha primeira angústia? E quando então a minha primeira suspeição?

Era fraco, enfraquecido por excesso de poder. O pequeno Cogle era filho de rei, o único e poderoso herdeiro dos homens. Mas o meu poder estava fora de mim, era feito do dos outros. O meu corpo e a minha alma definhavam desde o meu nascimento, acabrunhados por tantas dádivas. Os meus impulsos eram prevenidos pela oferta constante de todas as coisas. A minha espécie, a minha classe impediam-me de reviver o seu passado; as suas conquistas eram um muro entre mim e o mundo. Quando me tornei naquele que ainda sou, as minhas maiores proezas estavam já cumpridas. Aprendera uma língua; para avançar, servia-me das minhas pernas como se fossem andas.

Não sei como isso aconteceu e se a minha mãe não mo tivesse contado mais tarde, nunca teria sabido que a minha ama-de-leite me deixara cair num patamar e que fui durante muito tempo visto como condenado à torpeza e ao desespero.

Vivi ignorante ao lado da minha mãe, que tecia inadvertidamente a minha memória. Não se teria ela extinguido se a minha família não me tivesse transmitido a fraca história, a vida das pequenas personagens que carregaram o meu nome? Entregues a si mesmos, aqueles que eu fui até aos cinco ou seis anos estariam mortos.

Quando nasci para mim próprio, os homens já me conheciam havia três anos? Conheceram-me antes de

eu me conhecer. Quero acreditar neles. Até aos três anos, ainda fazia parte do mundo, ainda fazia parte daquilo que é o meu começo, o meu fim. Mas, por um instante, por um precioso minuto, sou aquele que é diferente do mundo. Humano. Tudo o que precede a cena do jardim é tão obscuro como a vida antiga dos meus elementos, o ventre da minha mãe, a terra que me encherá as órbitas, os meus bons sonos, a folia que é a aventura de um prisioneiro abandonado pelos seus carcereiros.

Sol de hoje, só te conheço a ti.

O sangue, esse hieróglifo, desenha-se por toda a parte sob a minha pele, misterioso como o nome de um deus. Sujeito-me à sua influência, mas não saberei nunca encontrar a palavra mágica em que ela se sublimará. O sangue é subtil como o espírito. Há doenças que passam pelo sangue e pela cor dos olhos.

Reparava que tal gesto meu vinha deste homem. «Sou seu filho.» Mas doutro que só vi uma vez guardei para sempre a maneira de abrir os olhos. O meu corpo, sem que eu desconfie, abandona-se àqueles que se aproximam de mim. O rosto, os membros de um jovem são oferecidos. Cada um deles aproxima as mãos de mim, um dobra-me o braço, o outro puxa-me o lábio, um terceiro belisca-me as cordas vocais.

Aos meus quinze anos, percebi que os meus pais morreram antes de eu nascer, e que o instinto podia impelir-me para estranhos. Se me vê ao pé do meu

pai, um tolo exclama: «Como são parecidos.». Mas um observador: «Como são diferentes». Entre as grandes linhas do meu rosto que aceitam uma correspondência formal, há mil inflexões que se acusam e pelas quais me afasto do domínio do homem que foi para mim o representante dos homens. Se a minha mãe, por sua vez, se aproxima, eis que o tolo se admira novamente. Mas o meu pai e a minha mãe são irreconciliavelmente opostos e harmonizam-se apenas em mim, que os destruo.

Enfim, saio a este ou àquela da família nalguns traços particulares que apenas evocam a futilidade da Natureza ou as suas intenções pouco dissimuladas, ou os acidentes que lhe acontecem vindos sabe-se lá de onde.

O sangue é um rio imenso, anónimo como os séculos, que me atravessa vindo das origens do mundo. Reflectirá ele sobretudo as últimas paisagens que banhou? Até pode ser verdade, mas os meus olhos reflectiram aspectos que já não se reconhecem neste planeta, e estes eram-me mais familiares do que as margens da nascente mais próxima. Com que direito fala um pai sozinho em nome de todos os ausentes? Invoco, se quiser, antepassados distantes, digo que sou aquele por quem esperavam e, como um deus aos seus precursores, ofereço-lhes aquilo que me deram, mas que nunca conheceram.

Se eu tivesse sido uma criança abandonada num posto fronteiro, qual teria sido a minha pátria, a minha religião, a minha classe? Os crápulas ter-me-iam talvez mudado o sexo.

Mas fui separado de tudo o que é confundível com a morte, fui admitido àquilo a que os homens chamam vida, fiquei sempre no mesmo sítio, conheço alguns dos meus antepassados, em todos os sentidos tenho laços sólidos com aquilo que existe.

Além do mais, se eu tivesse sido perdido, mais tarde ou mais cedo teria chegado ao mesmo ponto. Talvez tivesse sido criado na Alemanha. Teria sido um alemão como os outros, pois os homens não vêem um palmo à frente do nariz. Sabem, se for preciso, distinguir um negro de um branco, mas se a clarividência não lhes é facilitada, se um francês fala alemão desde que nasceu, tomá-lo-ão por alemão e ele próprio não se aperceberá de nada. Joguei esse mesmo jogo durante a guerra. Deixara crescer a barba, com uns tufos meio arruçados, outros esbranquiçados, outros acastanhados. Encontrara um barrete bávaro. Divertia-me a aturdir os meus camaradas com uma brusca aparição boche ao longo da trincheira. Não julgava que o meu gesto fosse sacrílego ou que em nada insultasse a santidade da pátria. Vira também uma fotografia que mostrava soldados ingleses e franceses misturados. Em sinal de fraternidade, tinham trocado de uniformes. Não lera a legenda e admirava sob a boina achatada o carácter

britânico de tal figura campônia da nossa terra, o que não honrava a minha ciência das fisionomias.

Poder-se-ia camuflar toda uma raça? Enganava-me em relação a alguns, mas se durante tantos anos a Alemanha e a França trocassem recém-nascidos, um viajante após uma longa estadia no estrangeiro constataria em Paris algo de insólito nos rostos da juventude, a despeito da arte dos alfaiates, da delicada influência do ar e do contacto das mulheres.

— Ah! — exclamaria ele. — Na nossa geração, não havia trombas destas!

Só me arrisco a fazer suposições artificiais sobre os disfarces cambiantes que são as fisionomias interpretadas segundo os nossos preconceitos sociológicos e de outros tipos. No entanto, os avatares mais interessantes são os do espírito. Mas é ousado apostar na aplicação das leis inexoráveis e desconhecidas. Ainda assim, tenho de admitir que desconfio de que esses transplantados seriam mais franceses por dentro do que por fora. Porque, enfim, adorariam Racine, temeriam Kant, com o nosso rigor que corta fino mas separa por inteiro. Não haveria ninguém — esconder-lhe-íamos o segredo da sua origem — que lhes sugerisse a ideia sem a qual nenhum instinto os faria pensar que são alguém que crêem não ser.

É certo que tudo isto pouco importa, porque geralmente os recém-nascidos ficam no sítio de onde são. Não deixo de ter a impressão de que escapei por um

triz. Enfim, amo a França como se ama uma mulher com quem nos cruzamos na rua. Revela-se-me inquietante, fascinante como o acaso. Amo-a, aliás, eternamente. O seu rosto torna-se solene, é o rosto do Destino.

Posso dizer que amo os Franceses. Todos eles beneficiam, aos meus olhos, do mesmo favor. É assim que se ama as mulheres, entre elas as brutas, as cobardes, as gluttonas. Mas não gosto deles tanto por o seu génio ser tal e tal, mas porque são os homens no meio dos quais vivi. E se a nossa nação, no seguimento de pitorescas catástrofes sempre previsíveis na História, deixasse esta terra para ir instalar-se alhures, será que ao fim de uns quantos séculos o génio dos meus camaradas mudaria sob o feitiço de outro horizonte? Mas posso antecipar a minha lealdade àqueles em que eles se tornariam; pois no que toca aos seres amados, amamos tudo aquilo que são, cada uma das particularidades pelas quais se tornam sensíveis e também um ponto abstracto como amamos em nós próprios. A França metamorfoseia-se imperceptivelmente nos nossos braços sem que haja uma brusca ruptura dos mil laços de entre os quais cada um é accidental e insuficiente, mas de que parece formar-se a nossa afeição. E talvez aquilo a que chamo França amanhã possa pronunciar-se de outra maneira.

O patriotismo existe como o amor fora das pátrias. Perguntai aos Judeus que se afeiçãoaram longamente a uma pátria ocidental. Eles não querem estar sozinhos,

não podem deixar estes homens contra quem combateram, estas mulheres que amaram, estas cidades onde fruíram do seu ouro à moda do país, ou de renovar os seus sonhos. Mas é que é só o amor, e de entre os vários amores é aquele que, confundindo-se com apetite intelectual, procura aquilo que é diferente de si, e disso se alimenta ou disso morre.

Não há nada mais forte do que aquilo que liga os homens entre si ao centro do mundo, ao centro dos outros homens. O amor pela minha pátria em nada se relaciona com a dilecção que sinto por estas paisagens. Mas é feito do sabor do próprio amor e do belo calor que sinto rodeado por alguns. Para poder fazer brincadeiras obscenas, falar de mulheres, da guerra que fizemos, seguirei esses homens até outro astro.

No entanto, há quem deixe a sua pátria sozinho, quem emigre. Tem-se um filho que com um amor igual serve a pátria em frente à sua. Nesta nossa época de paixões restritas, isso deixa de ser possível para quem pensa. Só restam as almas obscuras dos caçadores de fortunas e os espíritos demasiado soltos dos financeiros, que são mecanismos subtis e anónimos, para poderem livrar-se desta estimada obsessão.

Uma pátria é para alguns uma maneira de ambientar, de domesticar as ideias desumanas, um hábito, um cuidado, uma paixão, a chave de todos os pretextos para viver. Não se pode sair, não se pode mudar de alma, não se pode quebrar uma categoria do espírito.